

Banqueiro descarta perdão

Ao contrário da flexibilidade pretendida pelos deputados democratas norte-americanos, os bancos comerciais poderão oferecer maior resistência ainda a qualquer tipo de concessão aos países devedores. "Essa conversa sobre perdão parcial da dívida é pura poesia para nós", disse ontem, em Washington, um banqueiro consultado pelo correspondente **Moses Rabinovic**, sobre o anúncio feito anteontem, no Congresso, de que a dívida do Terceiro Mundo já não ameaça o sistema bancário dos Estados Unidos.

O diagnóstico da ótima saúde dos bancos credores, feito pelo Federal Deposit Insurance Corporation, o Federal Reserve e o Comptroller of the Currency na Comissão de Bancos e Finanças da Câmara, também foi interpretado com muita prudência por um funcionário do governo norte-americano.

Em seu entender, ainda que o Congresso e o presidente eleito, George Bush tenham pedido uma revisão da estratégia da dívida, não se pode esquecer o impacto de uma eventual redução do custo dos débitos na dívida interna dos EUA. "O que diremos aos grupos que es-

tão em crise no país, como os agricultores e os pequenos empresários?", questionou.

O mesmo funcionário lembrou que o próprio Bush disse ser contra o perdão da dívida ou a criação de uma instituição que compraria os débitos dos bancos com desconto. "Se os bancos tiverem prejuízo, o contribuinte norte-americano terá de pagar um preço", alertou. O novo governo dos EUA deverá entregar ao Congresso, até 23 de fevereiro, um estudo revendo a estratégia do país para a dívida de US\$ 1,32 trilhão do Terceiro Mundo. E o maior credor do Brasil, o Citicorp, já defendeu na própria Câmara uma mudança: a combinação de novos empréstimos com reduções voluntárias dos débitos.

Ainda ontem, o deputado Fernando Gasparian, do PMDB, também esteve em Washington, no Banco Mundial, para lembrar que reforma do sistema financeiro brasileiro — que o Banco Central estava negociando diretamente com o Bird — deverá passar pelo Congresso. "Parece que nosso governo está afobado em pegar o empréstimo de US\$ 500 milhões", criticou.